

VITRAL CULTURAL

a newsletter do CCJF

Chegou a 17ª edição da *Vitral Cultural*, a newsletter mensal do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**. Por aqui, você encontra matérias sobre as principais atrações e iniciativas do CCJF, além de notas e bons artigos sobre arte e cultura. Esperamos que cada pedacinho desse vitral, produzido com cuidado e apreço, te traga bons momentos de leitura. Mais uma vez, aqui vai aquele pedido especial: se gostou do conteúdo, repasse aos(as) amigos(as)! Vamos aproveitar o poder de disseminação da Internet para ampliar o acesso da população à cultura. Assim, todos(as) ganham. Gratidão ✨



Zilá Lima e banda canta pelos Direitos Humanos no Teatro CCJF

Um clamor pelos Direitos Humanos: show potente de Zilá Lima ecoa resistência e esperança

Na penumbra do Teatro do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**, na última sexta-feira de agosto (29), o público aguardava o começo de um show potente — tanto na qualidade musical quanto na mensagem intrínseca nas letras e na sonoridade do repertório. Na abertura de *Zilá Lima - Cantando Memórias pelos Direitos Humanos*, uma mensagem poderosa chamou a atenção dos presentes. Nesse decreto simbólico produzido especialmente para a ocasião, Zilá, cantora, compositora, berimbalista e ativista cultural, reafirmou a memória como ato de reparação e reforçou os direitos humanos como prática viva, ressaltando a importância da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, proclamada em 1948, do *Dia Nacional dos Direitos Humanos*, instituído no Brasil em 2012

Prêmio Quis Ego

Sum: inscrições até 30 de setembro



Em parceria com a Caixa Econômica Federal, o **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** publicou, em julho, o edital do *Prêmio Quis Ego Sum - Concurso Nacional de Pesquisa e Identificação de Personagem Histórico*, que tem como objetivo incentivar a pesquisa histórica, a reflexão crítica e a valorização do patrimônio cultural vinculado à Justiça. O prazo de inscrições do prêmio está acabando, vai até **dia 30 deste mês**.

Com foco em atrair historiadores, arquitetos, restauradores, artistas visuais, pesquisadores e estudantes dessas áreas, o Concurso terá uma Comissão Avaliadora,

como marco da resistência e denúncia, em memória de Margarida Alves, líder sindical paraibana que enfrentou o latifúndio e o trabalho escravo e foi incansável na luta por justiça social, e o *Dia Nacional da Visibilidade Lésbica*, em prol da diversidade — pelo direito de ser, amar e existir —, comemorado em 29 de agosto.

Ao som “do gunga, do médio, do viola, dos tambores; cordas, sopros e vozes”, Zilá e sua banda, composta pelo Mestre Pedro Lima (percussão) e Marcelo Aragão (violão e percussão), performance de Veronica Pereira e participações de Ana Cruz (flauta), Mestranda Juma (berimbau), Joice Fernanda (berimbau), Alcides Sodré (voz), Débora Motta (voz) e Michele Agra (voz), propuseram um encontro entre memória, arte e justiça. Uma verdadeira travessia musical, cultural e poética por temas como liberdade, dignidade, diversidade e justiça social, conectando ritmos afro-brasileiros, ancestralidade e canções que ecoam resistência e esperança.

Além das 16 canções autorais da artista e mais quatro canções de domínio público, o espetáculo também contou com performances de dança, ampliando a força cênica e celebrando a diversidade de expressões artísticas que dialogam com a memória e os direitos humanos. Para Zilá, estar no palco do CCJF foi uma imensa emoção. “Desde as tratativas prévias com as diversas equipes envolvidas, em especial o Setor de Música e o Setor de Educação, até o encontro com o público, cada etapa foi marcada por cuidado, escuta e colaboração. Esse caminho favoreceu a construção de uma noite inesquecível”, conta.

Além do show, pouco antes da apresentação, a produção do evento promoveu uma rica experiência para um grupo de 15 crianças, jovens e adultos, alunos de capoeira da professora Bárbara Ribeiro, moradores da comunidade Nova Aurora, em Belford Roxo, Baixada Fluminense. Eles fizeram uma visita pelo prédio histórico, orientada pelo Educativo do Centro Cultural. A iniciativa, que ajuda a democratizar a cultura e a arte, faz parte de uma ação de acessibilidade à cultura do projeto *Cantando Memória*.

formada por especialistas nas áreas de Patrimônio, História, Arte, Direito e Arquitetura e os três primeiros classificados receberão uma premiação em dinheiro no valor de R\$5.000 (1º lugar), R\$2.000 (2º lugar) e R\$1.000 (3º lugar).

Corra e faça sua inscrição! Para conferir o edital, é só acessar o site do CCJF. Participe!

[Clique aqui!](#)

**Inscrições para o
Regulamento de
Ocupação CCJF 2026
prorrogadas para
até dia 19**



Com o objetivo de estimular o intercâmbio de ideias e colaborar com a construção da memória do Poder Judiciário, o CCJF abre seus espaços, anualmente, para ocupação de projetos nas áreas de artes visuais, artes cênicas, audiovisual, música e literatura.

Para 2026, a preferência são propostas voltadas para temas como Direitos Humanos, Direitos das Pessoas Negras, Direitos das Pessoas com Deficiência, Direitos dos Povos Originários, Direitos das Mulheres, Direitos das Pessoas Idosas, Dignidade da Pessoa Humana e Meio Ambiente, bem como



O grupo de jovens e crianças, alunos de capoeira da profa 'Lebre', moradores da Baixada Fluminense, se encantam com a Sala de Sessões

Bárbara, conhecida como "Lebre" na capoeira, contou que todos ficaram encantados com o passeio. "Para eles foi maravilhoso, pois viram uma realidade que talvez muitos não teriam a oportunidade de conhecer. Eles ficaram encantados com o local, a Zilá pensou em todos os detalhes da visita. Teve lanche, eles fizeram uma visita guiada pelo prédio e isso foi muito importante", diz Bárbara. Para Kayo Victor Oliveira, um dos alunos do grupo, o show da "Vermelha", como Zilá é conhecida na capoeira, foi uma das coisas mais lindas que ele já presenciou. "Pude ver todo o trabalho dela, o carinho, o jeito que ela tratou a gente. Me sinto muito honrado em fazer parte do mesmo grupo de capoeira que ela. É capoeira. Vamos para cima!", exclamou Kayo. Enzo Gabriel dos Santos, colega de capoeira de Kayo, também manifestou gratidão pela oportunidade. "Gostei muito do show da tia Zilá. Agradeço pela visita. Nunca tinha ido ao Centro Cultural antes. Vi que o nosso país tem uma riqueza cultural grande em que nós, muitas vezes, não temos acesso. Aprendi muito com os guias que deram muita atenção para a gente e tiraram nossas dúvidas. Gostei de tudo, do show a roda de capoeira. Só tenho que agradecer pelo carinho", concluiu.

Do início ao fim, uma experiência para ficar na memória. O espetáculo terminou em festa e celebração coletiva, com um cortejo até o hall do CCJF que se transformou em roda de capoeira e samba de roda, convidando artistas e público a se

ações culturais como forma de justiça social e fortalecimento da democracia e da cidadania.

Você possui um projeto que se encaixe nesse perfil? Traga-o para o Centro Cultural! Falta pouco para encerrar as inscrições que foram prorrogadas para até 19 de setembro. Não perca essa chance de ouro!

FotoRio 2025 abre no CCJF e fica até novembro

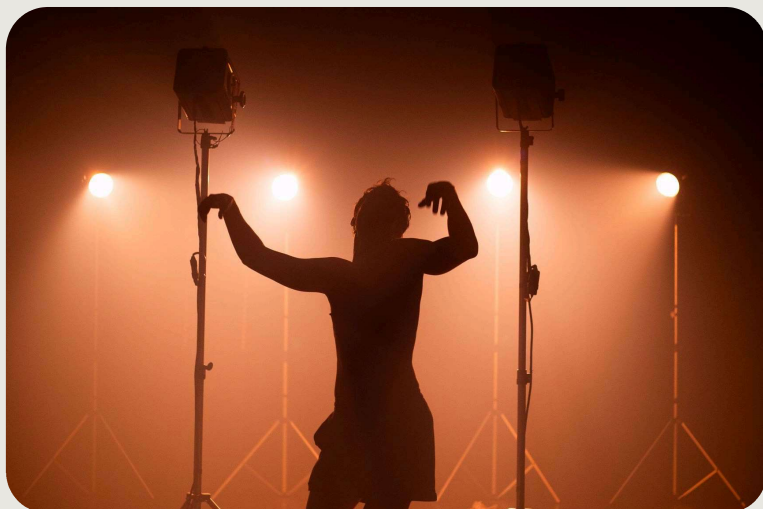


O CCJF recebe, entre os dias de **9 de setembro e 8 de novembro**, o renomado festival de fotografia **FotoRio 2025**.

Serão nove exposições, que ocupam várias galerias e exploram múltiplos campos da fotografia, do documental ao performativo, do político ao poético. Entre elas estão as mostras que integram a Temporada França-Brasil, como *Mulheres: identidade e meio ambiente – Uma cartografia sensível*, que explora vínculos entre identidade e meio ambiente, com poética sensível e crítica, e *Sóis Negros*, de artistas afro-guianenses, que também dialoga com a cultura

unirem e se sentirem parte da caminhada em defesa dos direitos humanos. "Ter a oportunidade de apresentar esse trabalho em um espaço que se abre à música independente, a diferentes ritmos e a causas urgentes como os direitos humanos, fortalece nosso compromisso de seguir cantando memórias e semeando caminhos de transformação. Levo comigo a energia vibrante daquela noite e a certeza de que a arte é, sempre, encontro e movimento de vida", conclui Zilá. Que sigamos assim!

*O projeto *Zilá Lima - Cantando Memórias pelos Direitos Humanos* tem como produto um álbum totalmente autoral chamado "Cantando Memórias" disponível nas plataformas digitais. Para mais informações, sigam a artista via Instagram: @zilalimacanta



Vinicius Teixeira interpretando um dos personagens do espetáculo Selva Solidão. Foto: divulgação.

Selva Solidão: entre silêncios e afetos

Durante o mês de agosto, o teatro do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** recebeu o espetáculo teatral *Selva: Solidão*. O monólogo, idealizado e protagonizado por Vinicius Teixeira, com direção de Jefferson Almeida, foi pensado na pandemia e traz à tona a questão sobre como a solidão pode ser comum a corpos marginalizados pela sociedade.

O monólogo conta a história de três personagens: Luiz Felipe, um garoto de programa, Jonathan, um atendente de *fast food* e Antônio, um professor universitário. Com o desenrolar da trama, a vida dos três são entrelaçadas de alguma forma e trazem reflexões sobre as relações homoafetivas e como o preconceito e a exclusão deixam marcas difíceis de serem superadas.

A sala coberta de fumaça e as luzes que mudavam a todo momento fez o público sentir-se dentro da atmosfera da peça, mantendo os olhos vidrados a cada troca de personagem — o que acontecia com naturalidade. O ator interpretou os três personagens, com realidades, expressões e idades diferentes,

francesa, além de *O Povo Leva! O Povo Leva! - O Funeral de JK*, de Juvenal Pereira, que possui grande relevância histórica para o país, e outras seis mostras de artistas expoentes da fotografia contemporânea, nacional e internacional.

A entrada é **gratuita**. Venha conferir! O CCJF funciona de **terça a domingo, das 11h às 19h**.



A história do CCJF: agende sua visita!



O programa conta a história do prédio, de sua construção até os dias atuais. Projetado pelo arquiteto Adolpho Morales de Los Rios para ser originalmente o Palácio Arquiepiscopal, o edifício - exemplar da arquitetura eclética - abrigou o Supremo Tribunal Federal de 1909 a 1960.

Atualmente, é um dos poucos remanescentes da reformulação da cidade do Rio de Janeiro ocorrida no início do século XX.

A visita propõe, ainda, uma reflexão sobre preservação do patrimônio histórico, cultura, justiça e sociedade.

com espontaneidade e sensibilidade, fazendo com que o público presente se sentisse visto e acolhido de alguma forma.

Ao final do espetáculo, rolou ainda uma roda de conversa entre a produção e a plateia, onde todos puderam entender como surgiu a peça e a sua importância para a sociedade. *Selva: Solidão* retrata como as pessoas LGBTQIAPN+ sofrem com afetos negados, vínculos interrompidos e com a exclusão social causada por ser quem são.

O ator Vinicius Teixeira compartilhou como a experiência no CCJF foi realizadora e como a temporada foi positiva, graças ao público frequente. “Estar em cartaz no CCJF foi uma linda realização! O Teatro tem um ambiente maravilhoso e com uma equipe super parceira e disposta, que faz de tudo para que a experiência seja a melhor. A temporada correu de uma forma muito positiva, com um público frequente e alto em termos numéricos”, declarou.



Palavras transformadas em ímã: oficina ensina como reter a atenção do público na leitura de textos em voz alta

Com o avanço da tecnologia — e, junto dela, a criação de uma infinidade de ferramentas dispersivas —, a arte de conseguir a atenção das pessoas por um tempo sem que elas percam o foco exige, mais do que nunca, técnica, conhecimento, concentração, além de uma boa dose de carisma e paixão pelo que se propõe a fazer: seja contar uma história, recitar um poema, interpretar, lecionar, cantar, palestrar...São inúmeras as atividades que levam uma pessoa a buscar aprimorar a leitura de textos em voz alta para públicos variados e exigentes. No sentido de ajudar profissionais — assim como amadores ou demais interessados — a transmitir mensagens para o público que, hoje, consome multi informações, por vezes ao mesmo tempo, a Sala de Leitura do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) recebeu, no último dia 16, *A Voz das Palavras - Oficina de Oralidade Literária*, evento gratuito que fez parte do Rio

Visitas orientadas
(exceto no recesso judiciário e feriados):
terças e quintas,
das 14h às 16h.
Gratuito.

O agendamento pode ser feito pelo e-mail:

visitas.ccjf@trf2.jus.br

Refúgio para a mente (e para os olhos)

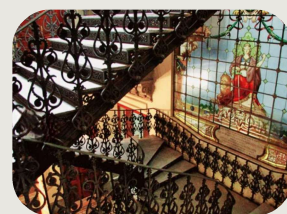


Venha conhecer a biblioteca do CCJF, localizada no 2º andar do nosso prédio. Lá, você encontra um acervo especializado em Arte e Cultura, ambiente confortável para ler e estudar.

Não é necessário se cadastrar nem agendar horário para frequentar nossa biblioteca.

A biblioteca está aberta ao público de **terça a sexta**, das 12h às 17h, exceto no recesso judiciário e feriados.

Programação do CCJF no WhatsApp



Fique atento(a) à nossa programação. Entre no grupo do WhatsApp

Capital Mundial do Livro, título concedido anualmente pela Unesco para valorizar o livro e a leitura nas cidades.

A iniciativa, coordenada por Andreia Fernandes, professora de teatro, escritora e dramaturga e Flávio Lanzarini, mestre em teatro, diretor e professor de teatro, se propôs a facilitar essa comunicação em voz alta, ensinando aos participantes técnicas de linguagem teatral para potencializar a leitura de poemas, textos literários, entre outros. O intuito foi promover o interesse e a atenção continuada do público presente em relação à obra lida. Andreia resume o encontro com “uma grande realização, um grande sucesso e um imenso prazer”. “Estivemos juntos com 14 pessoas, dentre escritores, professores e funcionários públicos. Oferecemos jogos teatrais, assistimos a vídeos de atores interpretando textos e analisamos diversas possibilidades para enriquecer a leitura de um texto. Ao final, cada participante leu em voz alta um texto de sua escolha e o resultado foi surpreendente”, conta.

A professora destaca o retorno positivo dos participantes sobre como a oficina impactou e ampliou os olhares sobre os textos trabalhados. “Sem falar na troca afetiva que aconteceu durante a oficina, com a interação entre participantes tão diversos”, salienta agradecendo, inclusive, toda a equipe do CCJF pela organização e competência no trabalho. Quanto ao conteúdo programático, *A Voz das Palavras*, foi dividida em três partes: 1- *Desconstrução de um texto*, momento em que os presentes puderam brincar com o texto para descobrir suas potencialidades, escolhendo ritmos, dando ênfases em determinadas partes e imprimindo emoções na leitura; 2- *Apresentação de leituras de textos feitas por atores consagrados*, parte da oficina em que os facilitadores apontaram algumas escolhas de atores ou atrizes para os textos; e 3 - *Leitura de textos*, rodadas em que houve trocas entre participantes para que cada um pudesse mostrar sua interpretação na leitura de um texto trazido pelo outro participante. Logo após, a atividade foi analisada pelos professores e entre eles. A interação e as diferentes visões de leitura, baseada na experiência de vida de cada um, fechou o encontro com chave de ouro, atizando os participantes que, certamente, ficaram com um gostinho de ‘quero mais’.



Inez Viana, atriz, fala no debate sobre a nova cena do cinema nordestino ao lado de diretores e produtores da Mostra

especialmente feito para a divulgação dos próximos eventos. É só apontar a câmera do celular para o QR code abaixo:



Você também pode acessar o site do CCJF e conferir nossa programação completa e atualizada. [Clique aqui!](#)

Curiosidades do CCJF: você sabia?



A potência das vozes nordestinas na I Mostra Avoantes de Cinema

Durante três sábados de agosto (9, 16 e 23), a *I Mostra Avoantes de Cinema* ocupou o Cinema do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**. Com direção de Renata Leite e produção de Luiz França e Tainá Andrade, o evento incentivou o cinema nordestino, revelando obras de diversos cineastas talentosos que exploram diferentes perspectivas, vozes e narrativas.

A mostra exibiu 12 curtas-metragens, quatro por noite, e contou com três bate-papos com produtores, um por dia de evento. No primeiro sábado, os curtas apresentados foram *Silêncio Público*, *Rotina*, *A Encomenda do Bicho Medonho* e *Cogumelos Vermelhos Defumados*. A diretora de arte do filme *Rotina*, Layse Medeiros, compartilhou sua experiência ao exibir seu trabalho na mostra. “Foi uma experiência incrível ver o trabalho ganhar vida na telona e poder sentir a força da sala de cinema. Eu ainda não conhecia o espaço, e foi uma descoberta especial — cheio de história e com uma energia que inspira. Meus convidados ficaram encantados, tanto com o filme quanto com o lugar. É muito significativo perceber como iniciativas como essa movimentam a cena artística no centro do Rio, criando encontros, diálogos e fortalecendo o cinema independente e brasileiro”, declarou.

O segundo dia da Mostra foi marcado pela exibição dos filmes *Cores*, *Diamante de Poções*, *Caminhos de Pedra* e, ainda, pela estreia do curta *Sapatilha 37*, uma produção do coletivo Artífice Lux, composto por Luque Lacerda, Carla Purcina e Gabi Luz. Já no terceiro dia, ganharam as telas os curtas *Raposa*, *Um Brinde*, *(R)existir* e a estreia de *Claramente*, estrelado por Renata Leite e Tainá Sena — que também atuou no filme *Cores*. “Poder ter dois filmes participando desse evento foi incrível. *Cores* foi meu primeiro curta profissional e tenho um carinho imenso por ele e pela história que ele retrata. Então, exibir ele na Mostra foi muito especial. O *Claramente* também é um projeto lindo que tive o prazer de atuar. Foi um projeto construído de maneira 100% independente a muitas mãos, então é maravilhoso ver ele na tela do cinema”, ressaltou Tainá.

A *Mostra Avoantes* provou que o audiovisual pode unir, provocar reflexões e dar voz a diferentes realidades. Mais do que exibir filmes, o evento promoveu trocas culturais e reafirmou o Nordeste como referência de criatividade e expressão artística.

André da Costa Pinto, realizador de *A Encomenda do Bicho Medonho* ressaltou a importância da ocupação de novos espaços por produtores de curtas-metragens. “É importante o surgimento de novos espaços para exibição do curta-metragem, visto que hoje existe uma ampla produção no Brasil. É um formato democrático e que lança muita gente nova no mercado. Quem faz filme quer ver sua obra projetada na tela grande e com público, principalmente quando tem a oportunidade de debater e escutar as impressões de quem acabou de assistir”, afirmou.

Você sabe quais figuras históricas ilustram os vitrais da Sala de Sessões?

Que a imagem da Justiça está representada no vitral principal da Sala de Sessões a maioria já sabe, mas vocês imaginam quem são as outras personalidades representadas nos outros dois vitrais da sala histórica do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)?

Na parede à esquerda (primeira imagem acima), temos o Imperador Bizantino Justiniano, que fez parte do projeto de restauração e unificação do Império Romano, conforme comentado na edição passada da nossa newsletter. Já no vitral à direita (segunda imagem acima), temos John Marshall, diplomata, jurista e participante ativo da revolução americana. Venham conferir de perto essas obras de artes!

A diretora da Mostra, Renata Leite, contou como foi realizar esse evento e a grande troca entre produções que ele proporcionou. “Foi um grande presente para as obras e artistas do nordeste que residem no Rio de Janeiro, tivemos uma grande possibilidade de troca entre as produções e, principalmente, a oportunidade de mostrar um nordeste capaz de ser diverso e múltiplo, levando um leque de dramaturgias e linguagens do cinema Brasileiro, autêntico e potente”, compartilhou a diretora.



Harmonias vocais e instrumental versátil: show do BeBossa no CCJF, uma ode ao Rio de Janeiro e à MPB

No último dia 14 de agosto, o Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) recebeu o grupo carioca *BeBossa*, que convidou o público a fazer um passeio pelo Rio de Janeiro do passado e do presente. Exaltando as belezas da cidade, o show *Rio eu gosto de você*, visitou, por meio de uma sonoridade leve e envolvente da rítmica brasileira e a sofisticada harmonia do jazz, praias, mares e amores, sem perder o bom humor carioca nas referências de botequins, nas críticas dos frequentes alagamentos e outras contradições características da *Cidade Maravilhosa*. Com mais de 20 anos de atuação, o *BeBossa* conta com uma formação mais recente, o quarteto formado por Tom Andrade (voz e percussão), Marcelo Saboya (voz e baixo elétrico), Zeca Rodrigues (voz e violão) e Matias Correa (voz e guitarra). Para o músico Zeca Rodrigues, um dos integrantes do grupo, a experiência nos palcos do CCJF foi marcante. “Todos do grupo saíram muito felizes com o show, ficamos muito satisfeitos com o resultado geral. A recepção do público nos pareceu muito boa, acho que eles se sentiram muito à vontade nas dependências do teatro. O show mistura algumas fases do grupo. Ano passado nos apresentamos na Colômbia, fizemos um show sobre o Rio de Janeiro e acabamos trazendo muitas músicas dele para o CCJF”, conta Zeca.

Para quem prestigiou a apresentação, era nítida a qualidade musical aliada a um repertório super acurado. No programa, sucessos da música popular brasileira que ganharam o estilo inovador e original do

BeBossa, entre elas *Só tinha que ser com você* (Tom Jobim e Aloysio de Oliveira), *Rio* (Roberto Menescal e Ronaldo Bôscoli), *Ela é Carioca* (Tom Jobim e Vinicius de Moraes), *Rio Antigo* (Chico Anysio e Nonato Buzar), *Conversa de Botequim* (Noel Rosa) e *Madureira* (Zeca Baleiro). Katarina Assef, cantora, arranjadora vocal e professora, uma das espectadoras do *BeBossa* no CCJF, disse que foi um show “lindo de assistir”. “A proposta musical deles é única e chama muita atenção dos amantes da música vocal. Sair da rotina, entrar no teatro do CCJF e ouvir a harmonia vocal daquelas quatro vozes, foi especial. Pareceu uma viagem no tempo, tanto pelo repertório quanto pelos arranjos”, frisou Katarina. Para ela, a apresentação conduziu os presentes a um verdadeiro passeio pelo Rio de Janeiro. “Vai das quatro vozes masculinas a cappella até a formação completa, com violão, baixo, percussão e guitarra com efeitos. Vai de Noel Rosa até Zeca Baleiro. Da bossa-nova, venerando o Rio, até as críticas mais densas à cidade. E tudo ali no CCJF, monumento simbólico no centro, região histórica da cidade. Tudo coube naquela 1h de show e foi muito bom prestigiar. Quatro vozes lindas, timbradas, formação única, arranjos muito bons, repertório excelente”, completou.

Sobre a importância da existência de espaços culturais na cidade que dão oportunidade a artistas locais, Zeca ressalta ser fundamental e elogia o Teatro do CCJF. “O espaço do teatro, sem medo de dizer, é um dos melhores da categoria no Rio de Janeiro. É bacana estar disponível para nossa classe artística carioca porque o Rio concentra espaços focados na cena nacional, e não tanto na cena local. Ou seja, precisamos muito de locais como o de vocês para podermos desenvolver o nosso trabalho. Esperamos voltar a fazer um show de novo por aí”, destacou o musicista.



Da esquerda para direita: Marco Aurélio, Taslim, Eric Paiva, Sabine Moura e Sandra Menezes, todos debatedores da roda de conversa Afrofuturismo

Afrofuturismo Conversas Ancestrais **sobre o Futuro** ressignifica o amanhã

No dia 23 de agosto, o **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** abriu as portas da Sala de Leitura para receber a roda de conversa e micro-oficina *Afrofuturismo Conversas Ancestrais sobre o Futuro*, um evento que faz parte do *Rio Capital Mundial do Livro*. Idealizado pelo escritor e roteirista Eric Paiva, o encontro reuniu convidados de diferentes áreas da criação, que contribuíram positivamente nas narrativas apresentadas durante o evento, sendo eles: Sandra Menezes, jornalista e escritora; Marco Aurélio Correa, pedagogo e cineasta amador; Sabine Mendes Moura, escritora e fundadora da Editora Nua; e Taslim, multiartista que transita entre música, poesia e literatura.

Durante a roda de conversa, o público presente pôde compartilhar experiências, além de ouvir opiniões e reflexões sobre a relevância do afrofuturismo na atualidade e a importância de ocupar espaços com o protagonismo negro.

A oficina convidou os participantes a colocar a imaginação em prática. Com a proposta de criar novos personagens, eles puderam imaginar histórias em temas como o *hopepunk* — um gênero que foca na esperança de um mundo melhor — e o *solarpunk* — que foca na construção de comunidades sustentáveis.

Mais do que ficção, *Afrofuturismo Conversas Ancestrais sobre o Futuro* deixa uma reflexão de que a ancestralidade e a inovação caminham lado a lado, imaginando novos futuros a partir de narrativas negras.

O escritor e roteirista Eric Paiva compartilhou como a energia do evento foi positiva e ressaltou que a experiência foi transformadora, tanto para os palestrantes quanto para o público. “Durante o evento, sentimos uma energia coletiva de escuta atenta e curiosidade genuína. Conseguimos demonstrar com clareza a abrangência do gênero, já que, em geral, as pessoas têm apenas obras norte-americanas como referência”, declarou. Para ele, estar em um espaço onde pessoas negras e não negras se dispõem a vislumbrar o mundo, de forma conjunta e sob outra perspectiva, é um presente. “É o sentido filosófico do que somos como autores afrofuturistas. Sentimos que foi uma experiência transformadora não apenas para nós, como palestrantes, mas também para o público”, completou.

Marcelo Engster, curador e pesquisador audiovisual, também compartilhou sua experiência, destacando que gostaria que o evento tivesse tido mais tempo de duração e manifestou o desejo de que novas edições sejam realizadas. “O evento *Afrofuturismo: Conversas Ancestrais sobre o Futuro* deveria ter sido um curso de maior duração e não apenas uma apresentação teórica e roda de conversa. Só a apresentação teórica de Eric Paiva sobre Afrofuturismo merecia ao menos duas aulas para dar conta de tanto conteúdo e ainda aprofundá-los. A palestra deixou claro o que pode ou não ser considerado Afrofuturismo e me apresentou termos ligados ao gênero que eu desconhecia”, disse. Engster também lembrou da roda de conversa que trouxe,

segundo ele, além de um debate sobre a teoria, a apresentação dos processos criativos das pessoas escritoras, assunto de grande interesse. “Acredito que o evento deveria ter novas edições, ampliando o debate e teoria sobre todas as possibilidades do Afrofuturismo”, concluiu.



<<POR DENTRO>> DO CCJF

entrevista com
Robson Cruz

A Vitral Cultural deste mês dá sequência à série Por dentro do CCJF. Dessa vez, o convidado para o bate-papo virtual é Robson Cruz, terceirizado responsável pela iluminação dos eventos e da fachada do prédio do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF). Ele conta um pouco sobre sua trajetória profissional, funções que exerce no cargo e ainda compartilha lições de vida. Confira a íntegra da entrevista, logo abaixo:

VITRAL CULTURAL: O que te fez escolher a profissão de técnico de iluminação?

Robson Cruz: Inicialmente comecei como técnico de som, mas depois de visualizar a magia da iluminação e por já ter trabalhado com elétrica por muitos anos, fui gostando cada vez mais...até que pintou uma oportunidade de aprender mais sobre luz. Quando me dei conta, já estava fazendo iluminação de shows.

VITRAL: Há quanto tempo você trabalha no CCJF e quais suas principais funções?

Robson Cruz: Comecei no CCJF em 2009, após o técnico de luz da casa se afastar do trabalho. E assim se passaram 16 anos atuando na iluminação cênica dos eventos do espaço e na iluminação da fachada do prédio histórico, além dos demais eventos da casa.

VITRAL: Conte-nos alguma curiosidade ou caso que considere memorável, seja profissional ou pessoal.

Robson Cruz: A vida nos faz resilientes. Depois de perder um emprego, já na fase adulta, em uma conversa com um primo, ele me perguntou porque eu nunca estava triste ou chateado, visto que tinha perdido o emprego. Só lembro que minha resposta a ele foi que a vida era muito breve para lamentar o que passou, tudo serve de aprendizado. Temos que tirar o melhor de tudo que nos acontece e correr na frente. Como dizia um orientador educacional que tive no 2º grau de ensino "Quem corre atrás é perdedor", ou seja, temos que estar na frente se quisermos vencer, em todos os aspectos. Família e amigos

ajudam muito no amadurecimento, por isso, tento estar sempre de bem com a vida e com todos.



Não gosto de redes sociais! E agora?!

Por Eliz Brito, atriz e escritora .

"Talvez o que mais nos angustia não seja o trabalho de postar, e sim o desespero por se tornar conhecido. É preciso, antes, fazer um trabalho que te nutre; o sucesso, se vier, veio."

Se você é uma daquelas pessoas que torcem o nariz para as redes sociais, mas ainda assim precisa divulgar seu trabalho, tenho uma boa notícia: existe um caminho!

A internet revolucionou a forma como acessamos e promovemos conteúdos e produtos. Plataformas como YouTube e canais de *streaming* democratizaram a comunicação, tornando muito mais fácil para nós, seres comuns e nada celebridades, promovermos nosso trabalho. Essa transformação abriu portas para que projetos culturais independentes florescessem. Então, bastam apenas um computador, ou celular, nas mãos e ideias na cuca! Não, infelizmente, não.

Há algo mais precioso: o seu TEMPO! Para se divulgar nas redes sociais é preciso tempo, paciência, vontade, disposição... A aparente simplicidade de "apenas apertar os botões" esconde uma realidade complexa: é necessário aprender sobre algoritmos, horários de postagem, engajamento, criação de *thumbnails*, edição de áudio e vídeo, além de manter uma consistência mentalmente exaustiva.

O tempo se torna o recurso mais escasso. Enquanto a tecnologia democratizou o acesso às ferramentas, ela criou uma competição feroz pela atenção do público. É preciso equilibrar criação artística com marketing digital, dedicando mais horas à promoção do que à própria criação. É necessária uma constante alimentação do tal algoritmo. Não basta criar conteúdo excelente; é preciso manter o público engajado com postagens regulares, *stories*, interações e adaptação às mudanças constantes do App, e mais um tanto de trem lá que nem sei o nome.

Para muitos escritores, essa pressão por produção contínua pode comprometer a qualidade do conteúdo, criando um paradoxo: quanto mais tentam alcançar pessoas através das redes, menos tempo têm para criar o conteúdo cultural que realmente desejam compartilhar. Como vou pensar nas cores do cerrado goiano ao entardecer, se preciso contar quantos seguidores curtiram o post do meu único livro?!

Calma, talvez exista um caminho para usarmos as redes sociais sem que tenhamos uma síncope. Vamos ceder! "O homem é um animal social", como já dizia o Tóti! Precisamos fazer propaganda dos nossos trabalhos... O ovo da pata é mais nutritivo do que o da galinha, no entanto, consumimos mais o da galinha, porque ela faz propaganda: có-có-có... Sejamos todos "galinhas" então? Não, nem tanto! Isso dá ansiedade. Dá para se promover respeitando o seu querer. Talvez o caminho seja não almejar o sucesso antes da produção.

Talvez o que mais nos angustia não seja o trabalho de postar, e sim o desespero por se tornar conhecido. É preciso, antes, fazer um trabalho que te nutre; o sucesso, se vier, veio. Foi isso que aprendi com o nosso podcast "Escritoras Mundialmente (des)Conhecidas (EMd)". Nosso primeiro objetivo nunca foi o holofote, e sim promover a literatura brasileira e dar visibilidade a escritoras globalmente desconhecidas. O EMD é pequeno, mas muito nutritivo. Seu próprio

nome já nos protege da ansiedade de sermos conhecidas. Podemos existir, mesmo tendo poucos seguidores. Estamos no "ar" há mais de um ano, sem taquicardia!

Então, sejamos "patas"!

Sobre a autora: Eliz Brito é graduada em Letras e Literatura pela Universidade Federal do Mato Grosso. Atriz pela Escola de Atores Wolf Maya (São Paulo-SP), estudante de Psicologia pela Universidade Santa Úrsula. Participa como dramaturga do Projeto VestibaEncena, de Curitiba - PR, desde 2008. A peça O Pulo, de sua autoria, venceu vários editais culturais, como o X-Tudo - Sesi - RJ, Edital Vertentes Culturais de Macaé - RJ e Edital Cultural da Funarte - RJ, em 2017. Em 2022, Eliz publicou seu primeiro romance: Curiango: Amanhã eu vou. Atualmente, em parceria com a jornalista Marcelle Azeredo, apresenta o podcast: Escritoras Mundialmente (des)Conhecidas, disponível no Youtube.

Instagram: @elizbritobelther/@escritorasdesconhecidas

e-mail: elizbrito70@gmail.com /escritorasdesconhecidas@gmail.com



[Ver este email no navegador](#)

Recebeu este e-mail por ter uma ligação com a Centro Cultural da Justiça Federal. Por favor [reconfirme](#) o seu interesse em continuar a receber os nossos e-mails. Se não desejar receber mais e-mails poderá [remover a sua subscrição aqui](#).

Essa mensagem foi enviada para tcbalthazar@gmail.com por imprensa.ccjf@trf2.jus.br
Av. Rio Branco, 241 - Centro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 20040-009, Brazil

Verificação de Remoção de Subscrição™

[Remover Inscrição](#) | [Gerir Subscrição](#)



This is a Test Email only.

This message was sent for the sole purpose of testing a draft message.